

Ainda sobre quando nos vestíamos todos de preto

“Era um tempo em que havia tempo”: eis o mote que desponta, aqui e ali, por entre os temas *punk/rock* tocados ao vivo pelos Loosers. Neste *Aquilo que ouvíamos* — o espectáculo em que os membros do Teatro do Vestido resolveram “apontar o microfone para si próprios” — a invocação desse tal tempo é uma constante. Estamos em Portugal, nas décadas de 80/90, quando “sermos poucos era essencial”, especialmente no que dizia respeito à música que se ouvia: nesse tempo (lá está) a identidade era assim construída. Se nas criações desta companhia é habitual que nos apontem livros, desta vez somos confrontados com um verdadeiro ‘relicário’: bilhetes e cartazes de concertos, capas de álbuns em vinil, t-shirts de grupos musicais, alfinetes de ama, anéis feitos de parafusos e, como não podia deixar de ser, cassetes. As cassetes que se gravavam em casa e se enviavam pelo correio.

E que se rebobinavam com uma caneta, para não gastar as pilhas do *walkman*, que era como “uma extensão do corpo”. Comprava-se um disco e ia-se para casa, com os amigos eleitos, ouvi-lo de fio a pavio, “no quarto, com os estores corridos”, antes de os pais voltarem a casa vindos do trabalho.

João Carneiro, no *Expresso*, sublinhou que “este é um espectáculo sobre memórias, sobre a história de um país e de um tempo, e sobre afectos. Com o fôlego e a capacidade criativa que fazem de Joana Craveiro um caso único no teatro português, *Aquilo que ouvíamos* é um espectáculo incrível e surpreendente, é um concerto *rock*”. De facto, o nível dos decibéis debitados pelas colunas sonoras põe à prova tímpanos mais sensíveis. Mas, na verdade, sob a aparente rudeza da música que nos é dada a ouvir oculta-se uma forma de sentir bem suave e delicada. Era o tempo em que as paixões se sobrepunham ao res-



Os actores do Teatro do Vestido transformam-se numa banda de garagem

to: “E a ti, também já te partiram o coração?”, perguntam-nos. De passagem, um pai repreende uma filha toda vestida de preto: “Ando a trabalhar para te dar uma educação”. (Há coisas que são de uma e de todas as épocas.) E quando os elementos do Teatro do Vestido se apoderam dos instrumentos em cena para tocarem — agora eles! — o tema original *Eu sou apenas mais um ao contrário*, é como se

de repente nos déssemos conta de que estão a fechar as contas com um passado que não viveram. Só que a peça, afinal, acaba a falar-nos do futuro, e de como o Francisco (de oito anos, filho da actriz Inês Rosado) concebeu a sua ‘História da música’. A democracia precisa mesmo de que as gerações conversem umas com as outras — é o que o Teatro do Vestido tem feito.

Pedro Mexia e Nuno Cardoso à conversa

Quer queiramos quer não, cada geração olha para o Mundo de forma diferente. Pedro Mexia constatou isso mesmo, nas reacções que lhe chegaram por parte de quem já assistiu a *Suécia*: “Há claramente uma divisão geracional, que apenas se une por uma normal curiosidade; uns estranham, outros recordam”, assinala. “A ideia da peça surgiu-me quando encontrei o livro *Suécia - mito e realidade*, publicado nos anos setenta pela Snu Abecas-

sis, quando dirigia a *Dom Quixote*”.

Entre as autoras deste ensaio estava Susan Sontag, bem crítica da ideia da existência de um paraíso na Terra, onde o Estado, através da social-democracia, se ocuparia de cada cidadão. E foi essa ideia acerca de como seria um paraíso na Terra que migrou para o primeiro grande texto de fôlego dramático escrito por Mexia: “Não me interessava falar da política actual. Para isso tenho um programa de cinquenta minutos todas as sema-

nas. O que me interessava era essa ideia do paraíso, essa utopia que cada um à sua maneira procura alcançar. É por isso que o lado disfuncional de uma família toma conta da peça, ficando a política para um segundo plano, mais difuso”.

A conversa com Pedro Mexia e Nuno Cardoso, respectivamente o autor e o encenador de *Suécia*, acontece amanhã às 18h00 horas, na Esplanada da Escola D. António da Costa, com moderação de Helena Simões.



Suécia repete amanhã às 19h no TMJB

Números redondos

Sabia-se que no centro da instalação de homenagem a João Mota havia um círculo, mas aquilo que o rodeava — uma oficina de oleiro que simula as ideias em construção — ficou bem guardado até o público entrar neste espaço pela primeira vez. João Mota, visivelmente satisfeito, conseguiu sustentar a emoção quando inaugurou a instalação que o Festival este ano lhe dedica. Já em palco, antes do espectáculo de abertura, Rodrigo Francisco, anunciou que o número de membros do Clube de Amigos do TMJB já superou largamente o que existia antes da pandemia: um

objectivo que a CTA tinha anunciado no início deste ano, quando apresentou a sua Programação 2023. Nas tradicionais palavras de boas-vindas, Inês de Medeiros invocou as coincidências dos números redondos desta edição, apontando “20 anos do Museu da Cidade, 30 anos da Casa da Cerca, 40 de Festival e 50 da cidade de Almada”. O público que assistiu a *Valha-nos Aristófares!*, pelo grupo catalão Els Joglars, ovacionou o trabalho do magnífico actor que é Ramon Fontserè, que incendiou o palco com a sua verve contra o por-assim-dizer ‘cancelamento cultural’.



João Mota, Ivan Gonçalves, Inês de Medeiros e José Manuel Castanheira

Uma cartografia de afectos

Por acaso o arquitecto e cenógrafo que concebeu a exposição *A grande festa das ideias (40 edições do Festival de Almada)* veio viver para esta cidade em 1973, no ano em que foi elevada de vila a cidade. Na década seguinte, José Manuel Castanheira iniciava uma frutífera relação com a Companhia de Teatro de Almada, e com o Festival, que dura até hoje. Por isso a cartografia desta exposição, onde se elenam a maioria dos lugares por onde o Festival andou, é também pessoal: “Sempre me interessou esta intersecção, esta dinâmica que se cria entre os es-

paços físicos e quem os habita”, revela. A rodear o mapeamento do espaço urbano por onde o Festival se fez, está outra cartografia: a dos afectos, constituída por quatro mil palavras. O Festival desafiou 100 espectadores a ilustrar o ‘seu’ Festival em 40 palavras, tantas quantas as edições já realizadas. Destas palavras emana um sentido de pertença e de comunhão, que é afinal o que de melhor pode acontecer a um território: “Agrada-me esta situação, de mistura de memórias com o cunho emocional que lhes damos”. Resta acrescentar que, uma vez que Castanheira



© Rui Mateus

é um desenhador de mão cheia, esta exposição está envolvida em traços finos, que desenham a silhueta da cidade vista de cima, a insinuar-se entre as nuvens. Nuvens que se podem afastar, como se se tratasse de um pano de boca.

Canastrão

Este termo terá sido cunhado nos tempos em que as trupes de teatro itinerantes andavam, literalmente, com a casa às costas, de terra em terra, carregando as suas bagagens em grandes cestas, conhecidas como ‘canastas’. Estes saltimbancos instalavam os seus ‘palcos’ junto às ameias dos castelos. “Chegaram os canastreiros”, gritava-se pelas ruas para anunciar a sua chegada. E eles, homens e mulheres, mais do que representar aprimoradamente, ‘desenrascavam-se’ em cena conforme podiam.

Hoje em dia esta designação é usada para definir um certo tipo de actores, que parecem ter ficado ‘congelados no tempo’. Durante os ensaios, com a sua prosápia, ‘põem a cabeça em água’ aos encenadores, preferindo manter-se relativamente aparte do restante elenco, e invocando frequentemente histórias intermináveis, nas quais se vangloriam dos seus ‘bons velhos tempos’. Os canastrões são, na verdade, uma espécie de fatalidade do teatro.

Mas há também quem os defenda. Nelson Rodrigues, um dos maiores dramaturgos brasileiros do século XX, louvava-os: “A verdadeira vocação dramática não é o grande actor ou a grande actriz. É, ao contrário, o canastrão, e quanto mais límpido, líquido e ululante, melhor. Em seu teatro, não existe espaço para psicologismos ou adaptações de métodos de interpretação. Ele é único e, como tal, exige uma compreensão própria, que dispensa manuais. E mantém um alvo nítido, sem o qual suas falas se esvaziam e enfraquecem: a emoção”. // Rui Lagartinho

TEATROLOGIA

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Vaca estufada c/ cerveja e ameixas
Bacalhau espiritual
Salada de manga e arroz de coco

AMANHÃ

Coelho c/ mostarda e abóbora
Pescada c/ molho de tomate
Tagliatelle c/ tomate

APP
FESTIVAL
DE ALMADA

